

A clínica dos corpos falantes normalizados por meio do consenso de pares

Tania Coelho dos Santos

Apostei durante uma boa parte da minha vida profissional na ideologia da mudança social pela educação. Essencialmente, educar é um ato que se funda na dissimetria entre as gerações. Trata-se de transmitir um saber que se recebeu dos seus pais e mestres. O mito da igualdade de oportunidades depende do sucesso do processo educativo. Confesso que tenho me sentido um pouco como o Cazuzu: "Os meus sonhos foram vendidos, tão barato..., que eu nem acredito!" O que é uma ideologia? É essa espécie de estrutura que Lacan nos ensinou a chamar de discurso, um efeito puro e simples de linguagem que engendra um laço social. Acreditar que o investimento em educação, reduz a desigualdade social e alavanca trajetórias ascendentes bem sucedidas, é uma ideologia. Mas, o sucesso da prática não garante que haverá inclusão. Neste ponto, a ideologia encontra o real. Pois, de sua origem, um sujeito leva hábitos muito arraigados que a ascensão social pela educação não apaga.

Será que é por isso que vivemos num país que não acredita em investir no caminho árduo e longo da aquisição do saber? Para combater a desigualdade social a política dominante escolhe a inclusão pela distribuição de renda e pelo nivelamento dos hábitos de consumo. Afinal, quando quase todo mundo tem celular, micro-ondas, geladeira, parecemos mais iguais, mais livres, mais democráticos. Estudar pra quê? Hoje, é mais importante fazer parte de um grupo com interesses em comum, lutar pelos seus direitos, reivindicar. Os movimentos sociais são o caminho alternativo escolhido pelos desencantados com inclusão pela via da educação. Como Cazuzu, eu me pergunto: "Meus heróis morreram de overdose? Meus inimigos estão no poder? Ideologia, eu quero uma pra viver?"

Passo a contar algumas estórias que recolhi durante entrevistas relacionadas com a supervisão de serviços de orientação educacional. Com 15 anos, João esbraveja: "Eu detesto ir pra escola. Não sei por que me obrigam a estudar. Meu pai não fez faculdade nenhuma e ficou rico. E os professores? Estudaram tanto e ganham pouco, trabalham muito e ninguém quer ser igual a eles. Eu quero jogar futebol. Quero ficar rico, rápido. Estou perdendo tempo na escola. Quero entrar para o Barcelona, treinar para ser um craque".

A perda do valor da ideologia da educação manifesta-se na hesitação, na preguiça e até na má vontade de pais e professores em transmitir seus princípios, seu saber, sua experiência às novas gerações. Perdi a conta do número de vezes que escutei de pais e mães: Não sei o que é melhor pro meu filho. As coisas mudaram... Eles sabem mais que a gente como viver nesse mundo. Por isso, nas escolas de hoje, em lugar de princípios universais tais como: "o direito de um termina onde começa o do outro", novas práticas encorajam as crianças a fazerem "combinados". Atrás da porta de cada sala de aula, algumas regras escritas, sintetizam o frágil consenso

social arbitrado entre os alunos. Outras regras de convivência social desapareceram do mapa. Não é preciso mais fazer silêncio enquanto o professor ministra sua aula. As novas gerações não conhecem o ditado “quando um burro fala o outro baixa a orelha”.

Alice confessa: “Não consigo prestar atenção. É muito barulho, todo mundo fala ao mesmo tempo”.

- E o que fazem os professores? Pergunto, me fazendo de ingênua.

- “Reclamam, ameaçam anotar na agenda, vão se queixar ao coordenador, chamam o SOE, mas não adianta nada”.

A impotência dos professores diante da balbúrdia que se instala nas salas de aula demonstra quem é que manda no espaço escolar. Aos alunos, são atribuídos poderes ilimitados e todos os adultos fazem de conta que cabe aos estudantes responsabilizarem-se pelo desejo de aprender. O nome disso é autonomia. As crianças e adolescentes devem ter autonomia, devem querer aprender. O desejo de saber não deve mais nada ao desejo do Outro, do adulto, do pais ou dos mestres. A ideologia dominante nos dias de hoje, oculta, mascara, mente sobre a obrigação constitucional dos adultos de educarem as novas gerações. Será que o discurso analítico contribuiu para este estado de coisas? Será que difundimos a crença de é apenas o desejo de cada um que está em jogo no desejo de aprender? Será que os psicanalistas colaboraram para cultivar este maciço desconhecimento do papel desempenhado pelo desejo do Outro no campo da educação? Podemos apontar aí a conjunção entre o discurso analítico e o discurso da civilização? Ambos obscurecem o lugar de agente do significante mestre e elevam ao zenith, conduzem ao lugar de agente o objeto *a*?

O efeito desta conjunção sobre o supereu é o crescimento das patologias do ato: impulsividade, compulsão e excesso. É comum ouvir de crianças e adolescentes: “eu não me controlo...” ou ainda, “é mais forte do que eu...”. Condição psíquica que torna impotentes todas as formas de punição. A instituição educativa assemelha-se cada vez mais a uma instituição psicoterapêutica.

Não é mais verdade, por exemplo, que a sua “liberdade termina onde começa a do outro”. Os corpos falantes indisciplinados quase não se distinguem uns dos outros, na massa confusa da tagarelice e da agitação. Seus corações e mentes são coletivos. A individualidade de cada um não é um valor. O consenso entre pares prevalece, impondo o desejo de consumir tudo que está na onda, que está bombando. Você tem que ser popular. Ter Iphone5, tablet, mini-mc, frequentar e conhecer outros filhos de gente importante. Tem razão quem grita mais alto. A regra é simples, todo mundo faz, o que todo mundo faz. Quem não está dentro é *nerd*. Uma sala de aula não funciona como uma turma sob a regência do professor. São tribos de índios barulhentos e agitados sem nenhum cacique!

O exercício do senso crítico, por exemplo, é coisa de gente mal-humorada, autoritária e controladora. Você tem que saber ser persuasivo, agradar, exibir-se ser popular. É o reino das personalidades narcísicas!

Confusos e impotentes, os professores clamam pela intervenção urgente dos neuropsiquiatras. O sonho coletivo dos educadores pode ser resumir conforme se segue: a vigilância sanitária podia botar ritalina na água da CEDAE! Colocar flúor na água, para combater a cárie, não deu tão certo? Será que não resolveria o problema epidemiológico do TDAH? Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, esse é o nome do novo sintoma que acomete a população escolar. É um sintoma que afeta a posição do sujeito, quando ele se comporta como um objeto tagarela e irrequieto no laço social. Falam dele, é repreendido, anotam queixas em sua caderneta, levam ao coordenador, chamam seus pais e, no final, quando todos os adultos estão exaustos, o Serviço de Orientação Educacional os encaminha para o psicólogo ou para o neurologista. A quantidade de crianças controladas com medicação é significativa e não para de crescer.

O supereu, aquela instância psíquica que é o produto das identificações com os pais, professores e autoridades, deu lugar a uma outra coisa muito diferente. Lacan em 1974, já antecipava o surgimento do supersocial! O supersocial é da época dos comitês de ética, que estabelecem as normas de comportamento. São as tribos de pares que formulam seus manuais de etiqueta, seus combinados. Esta normatividade imperativa dos grupos sociais combate freneticamente a velha responsabilidade subjetiva. Na era da defesa das normas de cada tribo, toda a responsabilidade é pura e simplesmente social. A próxima geração de psicanalistas será chamada de socioanalistas? Ou serão, talvez, sociossintetizadores? Não vão mais ensinar que o aparelho psíquico é constituído de um isso, de um eu e de um supereu. Não vão ensinar que estas dimensões intrapsíquicas experimentam um conflito entre elas, pois representam interesses distintos: a pulsão, a realidade externa e a consciência moral. Vão ensinar que existem as necessidades ou os direitos, a tribo de pares e os comitês de ética. Eles vão cantar com o profeta Cazusa, "eu vou pagar a conta do analista, pra nunca mais ter que saber quem eu sou!".